

***BÍBLIA. NOVO TESTAMENTO, OS QUATRO
EVANGELHOS. TRADUZIDO DO GREGO
POR FREDERICO LOURENÇO. SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS LETRAS, 2017, 424 pp. ISBN
9788535928815.***

Pedro Paulo A. Funari

Departamento de História, IFCH/Unicamp

ppfunari@uol.com.br

Haveria sentido em traduzir, uma vez mais, a Bíblia? Mesmo em português, há já muitas boas versões e mais ainda do Novo Testamento (NT). Frederico Lourenço, professor de grego na Universidade de Coimbra, Portugal, é um classicista de escol, tradutor da *Odisseia* e da *Iliada*, além das tragédias de Eurípides *Hipólito* e *Íon*, sempre com grande êxito de crítica e de público. O professor luso aceitou uma tarefa enorme e pouco usual, ao propor verter para o nosso idioma a *Septuaginta*, versão grega da Bíblia Hebraica, além do NT. O projeto é mesmo único, ao buscar os originais gregos mais antigos e fundadores da tradição cristã. Lourenço parte da constatação de que foram os textos gregos a fundar as interpretações judaicas e cristãs, até o predomínio posterior entre os rabinos do texto hebraico (século II) e da sacralização da Vulgata latina (século IV), no Ocidente. Portanto, para a História cultural e literária, esta ida aos originais, com espírito laico, abre novas possibilidades de leitura. O tradutor não despreza ou desvaloriza outras versões à luz da confissão religiosa, mas fornece novos elementos para a hermenêutica, de modo a tornar o texto menos eivado de pressupostos teológicos, muitos de possível adoção posterior. Além disso, como classicista e conhecedor do grego clássico, *koiné* (helenístico) e moderno, consegue dar um sentido diacrônico, ao longo do tempo, dos termos e expressões, com nuances nem sempre evidentes. Presta, pois, um serviço excepcional.

Os critérios de tradução incluíram a fidelidade ao campo semântico provável dos termos antigos, mesmo que em detrimento da facilidade de intelecção imediata e de adequação à tradição e expectativa. Nisto, está próximo

dos tradutores concretistas brasileiros, como o foi Haroldo de Campos. Rara vez cede à tentação de seguir a versão canônica, de modo que o leitor pode ficar um pouco desorientado, já que nem o Pai-Nosso ele conseguirá seguir, já que foge ao que se reconhece. Notas explicativas ajudam muito a entender termos e expressões, mas há também referências às citações à *Septuaginta*, cruzamento de informações entre os Evangelhos e mesmo observações sobre incongruências e aporias. Há uma breve introdução geral e outras a cada Evangelho, sempre muito elucidativas e esclarecedoras tanto para especialistas, como para o público geral. Como o próprio estudioso afirma, essa tradução apenas pode contribuir para ressaltar o valor espiritual dos Evangelhos.

Apresenta, de início, algumas características do grego dos Evangelhos: claro, simples, desprezioso. Explicam-se as repetições de partículas (e, ou, mais, logo) como resultado da ausência de pontuação e da *scripta continua* (sem separação das palavras), para leitura em voz alta, com repetições e redundâncias. Por outro lado, a riqueza dos participios gregos encontra no gerúndio uma forma portuguesa pobre de versão que perde muitas sutilezas. Algumas vezes, preferiu manter semitismos, como, em “amém, amém, vos digo”, em vez do tradicional “em verdade”. Embora Lourenço não o diga, tanto no caso das palavras semitas, como no abuso das frases coordenadas e das partículas aditivas ou adversativas, para além do coloquialismo em grego, parece encontrar-se senão o aramaico, ao menos maneirismos desse idioma vernáculo dominante na região, em concomitância ao grego. Todos os estudiosos consideram que Jesus falava o aramaico, mas muitos pensam que também dominasse o grego. Há diversos passos diretos e indiretos que indicam originais semitas (aramaico ou hebraico), reportados por Lourenço (cf. Mc 8, 12). Como quer que seja, parece haver uma junção de ambas línguas no texto que foi escrito e que chegou até nós. Há diversos jogos de palavra também em grego, a indicar como não é possível separar aramaico/hebraico e grego nesses textos. Lourenço não tem dúvida ao constatar formas de pensar em grego (p. 332; 375), com certeza por parte do evangelista e, talvez mesmo, de Jesus. Em nota, afirma que “Jesus, claramente, não é *agrammatos* (analfabeto), muito menos *idiotés* (simples)” (p. 353). Ele constata tanto arcaísmos eruditos, que ele relaciona a obras clássicas do quinto século a.C., quanto modernismos, como *eukhatistô soi* (Agradeço-Te), em Jo, 11, 41, a mostrar a fala popular de Jesus, atribuída por João de propósito.

Outros muitos termos são diferentes do usual, como “filho da humanidade”, por “filho do homem”, ou *hamartia* vertido por erro ou pecado, a depender do contexto, entre outros casos. Lourenço mostra como as referências constantes ao AT provém da *Septuaginta*, mais do que do hebraico, o que parece refletir os autores dos Evangelhos, mas talvez também Jesus de Nazaré; difícil saber. O ponto alto da versão consiste nas notas eruditas sobre o campo semântico das palavras gregas e suas sutilezas. Diversas passagens

de difícil compreensão nas versões canônicas tradicionais ficam menos obscuras com as explicações do tradutor, como no caso de Mt 8,8: “Senhor, não [de dignidade] suficiente para que entres debaixo do meu teto, mas fala apenas por palavra e será curado o meu rapaz”. O centurião diz a Jesus que basta verbalizar a cura para que ela aconteça; esclarece ainda que *pais*, nesta passagem, pode ser tanto rapaz, como escravo, servo. Termos como Hades (Mt 11,23), vertido como inferno, aparece em nota como helenismo evidente (mas, traduzido com Hades em Mt16, 18). *Ekklesia* aparece como assembleia (“edificarei minha assembleia”, MT 16, 18), já que era apenas uma reunião de pessoas, não um edifício. Alguns erros de concordância são mantidos, como em Mt 18.19: “se dois de vós estiverem” (em vez de “estiverdes”). Lourenço também foge das versões a seu ver domesticadas e infiéis ao original, como em Lc 14, 26, ao traduzir *miséô* por odiar:

“Se alguém vem encontrar comigo e não odeia o seu pai, a sua mãe, a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a própria vida, não consegue ser meu discípulo”.

A tradução de Frederico Lourenço se contrapõe a versões tradicionais:

“Se alguém vem encontrar comigo e não me ama mais do que ao seu pai, à sua mãe, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida”.

Essa preocupação transparece em muitas passagens e mesmo quando usa termos mais usuais, como em Lc 22, 19, o tradutor acrescenta uma nota para explicar melhor:

“Este é o meu corpo, que é dado por vós. Isto fazei, para minha memória”.

Explica o uso do imperativo presente (*poiéite*, fazei) de ação continuada, denotando algo que é para fazer sempre, a justificar a reincidência do reviver a Última Ceia por meio da eucaristia, nos rituais da Igreja. Menciona, ainda que sem comentário, o uso de *anámênêsis* (memória) nessa passagem, cujos sentidos em grego ultrapassam o nosso sentido de “memória” (que corresponde melhor ao grego *mnéme*), para englobar outros como “relembração”, “histórico”, “citação de memória” ou, até mesmo, na esteira do platonismo, “recordação do que havia sido esquecido”.

Em outras notas, comenta aspectos importantes para a compreensão do texto, como em Lc3, 16, ao esclarecer que *pneuma* significa sopro (respiração), vento e, daí, espírito (a respiração que caracteriza dos vivos). Cada nota enriquece a compreensão e constitui um convite à reflexão e mesmo à comparação com as versões tradicionais (como no caso do Pai-Nosso) ou com as traduções mais correntes em português. Vez por outra, Lourenço menciona a tradução latina (Vulgata) de Jerônimo, sempre de modo a mais aprofundar uma passagem. A grande contribuição desta versão está em permitir ao leitor uma

nova perspectiva dos Evangelhos, para além e, com frequência, em oposição àquela recebida e tomada como natural e única. De fato, seja pela milenar recepção cristã, seja pelas releituras modernas dela derivadas, consolidou-se uma naturalização dos passos evangélicos, não apenas em português, mas em todos os idiomas ocidentais dessa tradição. Frederico Lourenço, com sua formação clássica e agnóstica, restabelece, a seu modo o estranhamento como instrumento heurístico, um choque que leva a desnaturalizar, chocar e fazer pensar. Essa tradução serve a todos, pois. Aos especialistas, pela erudição, em disciplinas como Letras, História, mas também Ciências da Religião, Teologia, Filosofia, entre outras; mas também atrai o público culto leigo, pela beleza e clareza, por despertar o interesse por entender passagens nem sempre de fácil compreensão. Tudo isso indica a leitura dessa importante obra.